

Análise da estrutura do pensamento de Raul Leal no artigo *Domínio das Elites*

LUÍS CARLOS VICENTE RAMOS*

Introdução: a estrutura de pensamento por detrás das ideias

A proposta que este artigo pretende fazer aos leitores é clara e distinta. Analisar o texto *Domínio das Elites*, datado de maio de 1961, do filósofo português Raul Leal (1886-1964).

Não obstante, o nosso objetivo no presente artigo não se prenderá com uma discussão das suas ideias (se o fizer será apenas indiretamente), as quais, numa primeira leitura mais superficial, podem parecer demasiado excêntricas. Aliás, essa excentricidade é apontada pela maioria dos seus estudiosos. Pedro Martins, no artigo «O demonismo na Revista *Orpheu*: Raul Leal e a novela vertigica “Atelier”», alude à sua «excentricidade estética e política»¹. Também Márcia Seabra Neves, no artigo «O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 actos e 4 quadros), de Raul Leal», chama a atenção para a excentricidade dos seus escritos, ao caracterizá-lo como «autor de uma obra extravagante, toda ela atravessada por um sopro religioso e filosófico»².

Neste sentido, pelo contrário, pretende-se deixar a superfície sobre a qual paira essa deleitosa e aparente excentricidade e extravagância e descer o mais fundo possível até à estrutura de pensamento de Raul Leal, sobre a qual se alicerçam aquelas que são as principais ideias do autor.

* Doutorando em Filosofia, Grupo Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal, Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1 P. MARTINS, «O demonismo na Revista *Orpheu*: Raul Leal e a novela vertigica “Atelier”», *Abril – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, 4.8 (jan.-jun. 2012) 141-152, DOI: <https://doi.org/10.22409/abriluff.v4i8.29728>, p. 142.

2 M.S. NEVES, «O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 atos e 4 quadros), de Raul Leal», *Forma Breve*, 5 (2007) 125-137, DOI: <https://doi.org/10.34624/fb.v0i5.6760>, p. 125.

Esperamos, deste modo, desmontar, refletir, ir além, ver onde se funda esta aura de extravagância comumente associada ao pensador português.

Metodologicamente, caminhando no sentido que esta proposta nos convida a percorrer, com vista a determinar a estrutura de pensamento de Raul Leal, procuraremos analisar o texto *Domínio das Elites* sob ponto de vista de dois principais vetores: a) tática; b) estratégia; com relação a quatro eixos temáticos: 1) igualdade, 2) minorias, 3) democracia, 4) guerra. A metodologia reflete a estrutura do artigo.

1. Tática

Em primeiro lugar, vamos começar por analisar como cada um dos temas é tratado em termos de tática.

Se analisarmos, cuidadosamente, as ideias do filósofo acerca de cada um desses temas, descobrimos, subentendidas, várias crenças que costumam estar ligadas ao senso comum. As ideias do nosso filósofo parecem não ser mais do que a inversão dessas ideias que costumamos encontrar com frequência ligadas ao senso comum. Ainda que o filósofo apresente justificações plausíveis para as ideias que ele próprio defende.

Podemos afirmar que a estratégia de Raul Leal se caracteriza, por um lado, pela inversão do senso comum e, por outro lado, pela tentativa de justificar as suas ideias inversas ao senso comum.

Assim, para cada um dos temas, vamos ver: (1) aquilo que são as crenças do senso comum; (2) aquilo que é defendido por Raul Leal e (3) a justificação de Raul Leal para aquilo que ele defende.

1.1. Igualdade

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que a igualdade consiste em se tratar de modo igual as pessoas colocadas em situações naturalmente desiguais. Por exemplo, se a pessoa A está colocada numa situação natural tal que ela tem pouca apetência para as artes e a pessoa B está colocada numa situação natural tal que ela tem muita apetência para as artes, estando A e B, por essa razão, colocados numa situação naturalmente desigual – segundo este critério de igualdade do senso comum, elas devem ser tratadas de modo igual, isto é, devem, por exemplo, ter as mesmas

oportunidades para ingressar numa carreira artística. E isto é assim, na medida em que partimos do pressuposto de que a apetência natural para as artes é algo que está para além das nossas escolhas, considerando-se injusto a nossa vida ser determinada por aquilo que não podemos escolher.

(2) Por outro lado, para Raul Leal, seguindo o que lhe ensinou, nas palavras do filósofo, «o velho dr. Calixto», seu «professor de Sociologia e Filosofia de Direito na Universidade de Coimbra» – a verdadeira igualdade (e na palavra «verdadeira» está contido o sentido de que esta é uma definição que se opõe a uma falsa igualdade, a qual, embora não explicitada pelo autor, pode muito bem ser essa que encontramos no senso comum) – escreve o filósofo, «consiste em se tratar desigualmente as pessoas colocadas em situações «naturalmente» desiguais»³.

Ou seja, continua o filósofo, «os que são, por “natureza”, melhores [...] nas artes, [...] devem, segundo esse justo critério, ter na vida e na sociedade uma situação superior à dos que são menos dotados»⁴.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de esse critério ter em vista, nas palavras do filósofo, dar uma «equitativa recompensa ao [...] valor real, manifestado com o [...] trabalho, produtivo ou criador, num ou noutro campo»⁵ que é realizado por essas pessoas que são melhores por natureza, o que Leal considera ainda não acontecer.

1.2. Minorias

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que o poder, nas «assembleias», deve pertencer à maioria, e não às minorias, na medida em que isso é uma garantia mais sólida de que o bem individual não se sobrepõe nem invalida o bem geral.

(2) Por outro lado, Raul Leal considera que o poder, nas «assembleias», deve pertencer às minorias e não às maiorias⁶.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de que, segundo escreve o filósofo, «o poder implacável das maiorias em quaisquer assembleias é

3 R. LEAL, «Domínio das Elites», in M.J. GANDRA (org.), *Profética Lusíada. A Idade Paracletiana*, Manuel J. Gandra – Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, Lisboa 2020, pp. 457-460, p. 457.

4 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

5 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

6 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

hoje sempre absurdo e prejudicialíssimo», na medida em que, ao contrário das minorias, continua o filósofo, «essas maiorias são ainda formadas, em toda a parte do Mundo, mesmo a mais civilizada, pelos menos dotados e menos conhecedores dos princípios, no fundo filosóficos e éticos, do Direito e da Política»⁷. Assim, uma vez que, nas palavras de Raul Leal, «todas as maiorias dominantes são mais ou menos inferiores» – «só minorias, só “verdadeiras” Elites têm o direito natural de se impor ao mundo e à vida para grandeza e felicidade humanas»⁸. E, uma vez que essas verdadeiras elites não são mais do que os conjuntos daqueles, segundo escreve o filósofo, que são, por natureza, melhores nas ciências, nas artes, na política, na diplomacia, nas técnicas, no pensamento filosófico ou ético, enfim, na poesia – elas são, ao contrário das artificialmente fabricadas, verdadeiras Elites, porque são elites naturais, isto é, são os conjuntos minoritários constituídos pelos naturalmente melhores em cada uma dessas áreas⁹.

1.3. Democracia

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que uma das condições necessárias para haver verdadeira democracia é a existência de partidos, na medida em que eles permitem o diálogo e a confrontação de ideias diferentes, o que enriquece a discussão sobre os problemas que esses mesmos partidos têm como função resolver, representando os vários modos de pensar...

(2) Por outro lado, Raul Leal, afirma que «conceb[e] Parlamentos de místicos pensadores – sem partidos, sempre antidemocráticos por natureza»¹⁰.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de o filósofo considerar os partidos «mais não serem do que rebanhos de carneiros submissos ou manadas de touros inconscientes, aguilhoados por campinos»¹¹. E isto porque, para Leal, «exprimindo etimologicamente a democracia o domínio do povo, é então o domínio dos indivíduos, das personalidades

7 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

8 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

9 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

10 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

11 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

que o constituem intimamente»¹², e não o domínio do coletivo ou a representação do povo através de grupos, conjuntos, ou agregados – tal como é o caso dos partidos. Para Leal, «o verdadeiro domínio do povo [...] só existe quando é distribuído pelos indivíduos que constituem esse povo, proporcionalmente ao seu valor pessoal, manifestado no seu trabalho e nas suas actividades»¹³. Para além disso, uma vez que o partido congrega tanto os naturalmente melhores, quanto os naturalmente piores, gerando isso uma situação em que, como escreve o filósofo, «os medíocres e inferiores [dominam] tanto como os manifestamente superiores»¹⁴, Leal considera que esta situação é prejudicial, na medida em que, escreve ainda,

estes não podem valorizar a sua acção convenientemente, visto ser então prejudicada pelo concorrente domínio imerecido dos outros, com evidente prejuízo da acção dominadora de todo o povo em geral que carece mais, evidentemente, para dominar, de acções superiores, amplamente expressas, do que das que são inferiores ou medíocres por natureza¹⁵.

1.4. Guerra

(1) Por um lado, encontramos no senso comum a ideia de que todas as guerras são eticamente reprováveis, uma vez que, tal como o próprio Raul Leal aqui também afirma concordar, o filósofo escreve que os seus «malefícios, mesmo ou sobretudo no campo ético, são por de mais evidentes»¹⁶.

(2) Por outro lado, Raul Leal também defende, contrariamente ao senso comum e contrariamente àquilo que ele próprio defendeu, que existem guerras «eticamente necessárias», as quais nos são impostas pelos «outros», devido, como ele escreve, às «suas inépcias e habilidades indecorosas»¹⁷.

(3) Esta ideia parece ser justificada pelo facto de o filósofo parecer derivar a utilidade ética dessas guerras do facto de elas, nas palavras do próprio autor «provocarem então não só altas manifestações de nobre

12 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

13 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

14 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

15 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 458.

16 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

17 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 160.

heroísmo patriótico – ou religioso – como também movimentos progressivamente civilizadores de povos»¹⁸.

2. Estratégia

Em segundo lugar, vamos analisar como os temas são tratados em termos de estratégia.

O facto de, no capítulo anterior, as ideias virem acompanhadas de justificações plausíveis por parte de Raul Leal, pode dar a falsa impressão de que não é possível descer mais fundo em busca da verdadeira estratégia que estrutura essas ideias.

Contudo, eu penso que essa constatação é incorreta. E eu penso que isso é assim, na medida em que, se voltarmos a analisar atentamente o artigo, acredito que podemos descobrir, sem a necessidade de forçar aquilo que lá não está, (C) uma conexão entre cada uma dessas ideias invertidas ao senso comum e (B) as crenças pessoais do filósofo (A) sobre estados de coisas determinados – pelo que considero ser correto caracterizar a sua estratégia como tendenciosa. António Almeida, aliás, no artigo «A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus», reconhece que Raul Leal era «dotado de um temperamento impetuoso na defesa das suas convicções»¹⁹.

Nesta parte, por conseguinte, vou tentar sugerir, através desses três componentes, de que modo é possível encontrar este tipo de estratégia a respeito de cada um dos quatro temas analisados na primeira parte:

2.1. Igualdade

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum parece ser, nas palavras do filósofo, «o caso de frequentemente se premiarem os que menos valem e menos se dignificam, *ao passo que se põem à margem, tratando-se até aos pontapés, os maiores valores*»²⁰.

18 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., pp. 159-160.

19 A. ALMEIDA, «A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus», *Pessoa Plural*, 12 (out. 2017) 134-168, DOI: <https://doi.org/10.7301/Z0ST7N1F>, p. 135.

20 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal – considerando-se a si mesmo um desses maiores valores postos à margem e tratados aos pontapés, na medida em que ele afirma que essa situação «tantas vezes se tem dado comigo» – julgar que isso são «injustiças flagrantes»²¹, e que ele, por conseguinte, também é acometido por elas.

(C) Assim, se o filósofo considera, enquanto tática, que os naturalmente melhores devem ser tratados de forma desigual em relação aos menos aptos, gozando de mais benefícios em relação a estes, é porque ele considera ser um dos naturalmente melhores e, por conseguinte, enquanto estratégia, é porque ele próprio, porventura, deseja ter mais benefícios do que os menos aptos e corrigir as injustiças das quais os naturalmente melhores, assim como ele, têm sido alvo.

2.2. Minorias

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum parece ser um caso em que alguém, em determinados «papeluchos idiotas» dá conta, segundo escreve o filósofo, de «que o Governo Português tem desprestigiado a Nação por colocá-la sempre em minorias nas Assembleias Internacionais»²².

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal considerar que essa ideia, como ele próprio escreve, «é um autêntico absurdo inqualificável, pois é, pelo contrário, uma enorme honra para nós estarmos em minoria nessas assembleias de ineptos e de interesseiros ignóbeis» e que «essa nossa situação de natural Elite Minoritária de povos modernos só nos prestigia grandemente, senhores derrotistas traidores, enchendo-nos do mais legítimo orgulho!»²³.

(C) Assim, se, enquanto tática, o filósofo desloca o prestígio das maiorias para as minorias, fá-lo, enquanto estratégia, a fim de protestar contra aquilo que é referido nesses mencionados papeluchos idiotas.

21 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 457.

22 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

23 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

2.3. Democracia

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum parece ser a ideia da instauração de um «regime “graciano”, isto é, de “teocrática Monarquia da Graça do Espírito Santo”»²⁴.

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal acreditar que esse é um regime melhor do que o regime partidário²⁵.

(C) Assim, se o filósofo, enquanto tática, desloca o carácter democrático do regime partidário para o regime graciano, fá-lo, enquanto estratégia, a fim de conferir legitimidade a esse tipo de regime que ele próprio idealizou.

2.4. Guerra

(A) O estado de coisas que motiva Raul Leal a utilizar a sua tática de inverter o senso comum no que concerne ao valor ético da guerra parece ser a guerra em África, mais precisamente, a guerra travada por Portugal em Angola.

(B) A crença pessoal do autor sobre esse estado de coisas que parece motivá-lo a utilizar a sua tática de inversão do senso comum consiste no facto de Raul Leal acreditar que essa é uma guerra não só justificável por parte dos portugueses, como necessária, na medida em que ela é, como escreve o filósofo, «o cumprimento altamente providencial da nossa sublimada missão no Mundo», a qual consiste em os «soldados de Portugal» serem «da Pátria, mais ainda, de toda a Humanidade, [...] os Divinos guias!», porventura, por causa dos anteriormente referidos «movimentos progressivamente civilizadores de povos», que ele atribui «[a]os Gregos, [a]os Romanos e, sobretudo,» comparando a ação militar desses povos com a ação militar do nosso povo, a «nós, Portugueses,» que, através da mesma, segundo escreve Leal, «temos sido admiráveis obreiros»²⁶ de tais movimentos.

24 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

25 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

26 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 460.

(C) Assim, se, enquanto tática, o filósofo defende, como vimos, agora através das próprias palavras de Raul Leal, que «são os outros que nos impõem guerras com as suas inépcias e habilidades indecorosas, tornando-as eticamente necessárias»²⁷, ele fá-lo, enquanto estratégia, para poder defender que, na medida em que esse é o caso que se passa agora em África, a guerra com Angola é eticamente necessária e, por conseguinte, é legítima e necessariamente travada.

3. Conclusão: um pensamento excêntrico?

Em suma, concluo que a estrutura de pensamento de Raul Leal no artigo *Domínio das Elites* é tal que ele se serve de (I) uma tática de inversão do senso comum, isto é, partindo de um (1) pressuposto proveniente do senso comum acerca de uma ideia determinada, ele (2) inverte o sentido dessa ideia e (3) justifica-a – como meio para cumprir a sua (II) estratégia tendenciosa, a qual consiste em (C) sustentar, teoricamente, as suas (B) crenças pessoais sobre (A) estados de coisas determinados, posto que uma tática fundada nas ideias defendidas pelo senso comum não seria favorável a essa estratégia.

Esta visão sobre a estrutura de pensamento de Raúl Leal, que incide sobre a destruição das crenças estabelecidas, procurando inverter o seu sentido original, alicerçada num movimento dialético que ao mesmo tempo destrói, reconstrói e sintetiza as ideias do senso comum, caracteriza-se também, neste sentido, pelo oxímoro: a igualdade desigual, a minoria democrática dominante, a democracia sustentada por argumentos antidemocráticos, a justa guerra injusta...

Assim sendo, pode o pensamento de Raul Leal ser reduzido, na sua essência, a uma mera excentricidade, hipótese colocada no início deste artigo? Pelo exposto, acreditamos que não, pois, como mostrámos, por detrás de uma aparente excentricidade, encontramos uma tática e uma estratégia argumentativas bem delineadas.

27 LEAL, «Domínio das Elites», op. cit., p. 459.

